

O ESTEREÓTIPO DO SENSUALISMO E DA SEXUALIDADE NAS REPRESENTAÇÕES DA MESTIÇA NA LITERATURA BRASILEIRA

Maria Fernanda Arcanjo de Almeida¹

Resumo: Este trabalho busca mostrar, através dos representativos romances *A Escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães, *O Cortiço* de Aluísio Azevedo e *Gabriela Cravo e Canela* de Jorge Amado, a forma como os personagens mestiços da literatura brasileira são aprisionados no estereótipo da sensualidade e da sexualidade, através de discursos que se cristalizaram nos primórdios da colonização e, que se perpetuam até os dias atuais.

Palavras-chave: Mestiçagem, Sensualismo, Sexualidade, Literatura Brasileira.

INTRODUÇÃO

A mestiça sempre esteve presente nos enredos literários, tendo papéis ligados ao sensualismo e a sexualidade. Eduardo de Assis Duarte no artigo *Mulheres marcadas: literatura, gênero, etnicidade*, destaca que:

[...] a condição de *corpo disponível* vai marcar a figuração literária da mulata: animal erótico por excelência, desprovida de razão ou sensibilidade mais acuradas, confinada ao império dos sentidos e às artimanhas e trejeitos da sedução. Via de regra desgarrada da família, sem pai nem mãe, e destinada ao prazer isento de compromissos, a mulata construída pela literatura brasileira tem sua configuração marcada pelo signo da *mulier fornicaria* da tradição europeia, ser noturno e carnal, avatar da meretriz. (DUARTE, 2009, p.1)

Em inúmeras personagens da literatura brasileira é perceptível a presença da mestiça como um ser em que o sensualismo e a lubricidade se sobrepõem à moral e aos valores.

A principal contribuição para uma visão estereotipada da mulata, tanto na literatura quanto em outros meios, é o senso comum patriarcal que habitava a colônia desde os seus primórdios. O europeu via na índia brasileira uma figura que, por vezes, chegava a alcançar a perfeição física. Além disso, a mulher “recém descoberta” havia sido educada fora dos padrões sociais da época o que fazia com que elas fossem menos reprimidas em relação à sexualidade transmitindo, dessa forma, ao europeu a ideia de que as mulheres das terras brasileiras eram mais fogosas na cama. Com o passar do

¹ Mestranda do Programa Literatura e Diversidade Cultural PPGLDC- UEFS. Nandaarcanjo8@gmail.com



tempo a visão que o homem tinha da índia se estendeu à mestiça que, por sua vez, passou a habitar o imaginário masculino despertando toda a sorte de desejos. A partir de então a mestiça ficou aprisionada em um estereótipo que até hoje não foi totalmente desconstruído. Colocada em uma situação desprivilegiada, por ser escrava, em uma sociedade em que havia uma divisão entre livres e cativos essas mulheres eram presas fáceis de seus senhores que, detinham o poder social e colocavam como função regular das escravas a satisfação das suas necessidades sexuais.

A representação da mulata na literatura será sempre feita através de adjetivos que insinuem características sensuais como: languidez, indolência, lábios desdenhosos, sorriso provocador, fala um pouco descansada, doce e afinada e alto poder de sedução. Aqui vale lembrar o que assinala Hanciau sobre as mulatas

Embora em aparência igual a mulher negra – ainda condenada a uma vida destinada aos trabalhos subalternos – a situação da mulata é diferente. Segundo Roger Bastide, ela guarda as características da mulher branca, “com o acréscimo desta pontinha de fogo, dessa lascívia atraente que lhe dá o sangue negro”. Interposta a meio caminho cromático entre brancas e negras, a mulata concentraria o exotismo das negras sem sofrer as desvantagens estéticas atribuídas às brancas. Bem ao contrário, a cor da sua pele parece servir muito bem para despertar a sensualidade, sugerindo atrativos inacessíveis à brancura nem sempre expressiva das jovens e das mulheres livres. (HANCIAU, 2002, p.3)

A mulher branca, por sua vez, aparecerá sempre com adjetivos que marcam sua graciosidade e gentileza, recobertos por uma áurea angelical, sempre disposta ao casamento. Ao passo que a negra será sempre tratada como objeto, um ser pertencente a camada mais inferior da sociedade, onde a submissão e o trabalho serão suas únicas finalidades, sofrendo crueldades de todas as espécies.

Através das obras literárias *O cortiço* de Aluisio de Azevedo, *A escrava Isaura* de Bernardo Guimarães e *Gabriela Cravo e Canela* de Jorge Amado mostrar-se-á neste trabalho que a mestiça corresponde, em nossa literatura, a um exemplo de “representação coletiva” que se tornou fixa no imaginário popular. Além disso, essas obras nos oferecem uma oportunidade de refletir o papel da mulher negra na literatura brasileira e perceber os estereótipos e preconceitos que foram inseridos sobre essas mulheres.

MESTIÇAS: DO ROMANTISMO AO MODERNISMO

Começamos nossa análise pela obra de Bernardo Guimarães. A personagem Isaura, do romance *A escrava Isaura*, é uma mestiça que difere da maioria das

afrodescendentes representadas na literatura brasileira. Sempre descrita como a imagem da bondade, beleza e simpatia, essa personagem não traz consigo o estereótipo da mulata sensual e faceira. Fruto de uma relação interracial (mãe mulata e pai português), Isaura foge aos padrões estéticos que pressupõem uma escrava:

A tez é como o marfim do teclado, alva que não deslumbra, embaçada por uma nuance delicada, que não saberíeis dizer se é leve palidez ou cor-de-rosa desmaiada. O colo donoso e do mais puro lavor sustenta com graça inefável o busto maravilhoso. Os cabelos soltos e fortemente ondulados se despenham caracolando pelos ombros em espessos e luzidos rolos, e como franjas negras escondiam quase completamente o dorso da cadeira, a que se achava recostada. (GUIMARÃES, 1995, p.3)

Isaura, porém, não se distingue das demais negras somente na aparência. Ela recebeu uma boa educação, era católica, sabia tocar piano, e tinha noções de arte – era, portanto, considerada uma moça distinta. Por ser branca, era tida como moça pra casar.

Extremamente idealizada, Isaura é o retrato da típica heroína romântica, contudo, carrega em suas veias sangue negro o que a torna em alguns momentos da trama o objeto de desejo de muitos homens.

Isaura, mesmo sendo de pele branca, exala o cheiro da mulata, porém de uma forma suave. As qualidades morais da protagonista de Bernardo Guimarães se associam aos dados físicos – alvura, colo esbelto, linhas puras e suaves, cintura delicada – e isso a distancia de qualquer desconfiança quanto a sua origem e a torna não merecedora de ser cativa “És formosa e tens uma cor linda, que ninguém dirá que gira em tuas veias uma só gota de sangue africano” (GUIMARÃES, 1995, p.4). Ela não possui a maioria das características comuns às mulatas representadas na literatura brasileira – lábios molhados e carnudos, aspecto de voluptuosidade, indolência e alto poder de sedução – porém é, como as outras, objeto do desejo sexual de muitos homens da trama.

Muito cobiçada pelo seu senhor – Leôncio – Isaura é, no decorrer da trama, duplamente objetizada. Primeiro, por ser mestiça, e depois, por ser mulher. A sua cor – branca na pele – não a liberta dos grilhões da escravidão e nem do ímpeto de seu senhor em possuí-la, profaná-la e poluí-la, e sua condição de mulher a aprisiona à servidão do lar. Isaura, porém, é de uma retidão moral inabalável, e mesmo quando lhe são feitas as mais tenras promessas ou as mais terríveis ameaças ela não cede.

No fim do romance Isaura alcança a tão almejada liberdade e se casa com um moço muito bom e rico - Álvaro. O final feliz da escrava heroína de Bernardo Guimarães, reforça a doxa de que as moças brancas são as ideais para o casamento, pois, Isaura apesar de descender de negros, exteriormente é uma legítima dama da

sociedade. Dentre a maioria das mulatas da nossa literatura, somente à Isaura é apresentada a possibilidade de se estabelecer uma união formal.

A outra mestiça de relevância no romance de Bernardo Guimarães é Rosa que atua como inimiga de Isaura na trama. A mulata faceira que já foi amante de Leôncio vê na escrava branca o motivo do afastamento do seu Senhor. A postura de Rosa intensifica a candura e a idealização de Isaura no romance.

Apesar de ambas serem escravas o autor trata as duas de formas bem diferentes. Rosa além de se distinguir de Isaura pela cor da pele, também não teve a educação aprimorada, e nunca conseguiu realizar bem os afazeres domésticos. Durante a história o narrador usa termos como “perversa” e “maligna” para defini-la. As intrigas que fazia à Malvina foram determinantes para que esta perdesse a confiança que depositava em Isaura.

Rosa é a escrava tipicamente invejosa e mentirosa que faz de tudo para que Isaura passe pelas mesmas aflições e maus tratos que passam as demais escravas. Em nenhum momento do romance Rosa é descrita com boas características além do trecho em que há a valorização de sua beleza física:

Esbelta e flexível de corpo, tinha o rostinho mimoso, lábios tanto grossos, mas bem modelados, voluptuosos úmidos e vermelhos como boninas que acabam de desabrochar em manhã de abril. Os olhos negros não eram muito grandes, mas tinham uma viveza e travessura encantadoras. Os cabelos negros e anelados podiam estar bem na cabeça da mais branca fidalga além-mar (GUIMARÃES, 1995, p.21)

O único traço valorizado em Rosa é o seu corpo provocante e o seu jeito sedutor. A imagem dessa mestiça é altamente sexualizada. O foco em sua sensualidade e beleza nos remetem a figura estigmatizada da mulata erótica. A mestiça é posta como um objeto de luxúria que utiliza dos seus encantos para conseguir o que quer. As características dispostas à Rosa são sempre contrárias as de Isaura o que aumenta essa disparidade entre as duas no decorrer do romance e nos leva a pensar na divisão criada pelo autor entre o valor da mulher branca e o da negra.

O desenrolar da história de Bernardo Guimarães põe em relevo o peneiramento que existe para que ocorra a ascensão social daqueles que, embora não sejam de origem mais elevada, apresentem características físicas e sinais de refinamento que indique o prestígio do grupo dos brancos.

No Naturalismo brasileiro a mulher deixa de ser idealizada, como era no Romantismo, e passa a ser representada de forma real e por vezes animalesca. Dessa forma, “o sensualismo desenfreado da mulata surge com toda força em *O cortiço*, de

Aluísio Azevedo, encarnado na figura de Rita Bahiana, *fruto dourado e acre dos sertões americanos*” (DUARTE, 2009, p.9).

Rita é definida na obra como uma mulher sensual e rebelde. Os valores da época são desfeitos pela personagem, a sua rebeldia e indepêndencia negam a tão valorizada estrutura patriarcal da sociedade. A mulher que antes era vista como objeto torna-se possuidora de artimanhas para seduzir e controlar os homens, e opta por não casar para não se tornar escrava do marido.

Na trama o português Jerônimo que, inicialmente era um homem exemplar, apaixonou-se cegamente por Rita Baiana, a mulata faceira, e por ela acaba abandonando mulher e filha, se entregando à boemia, adquirindo muitas dívidas e, por fim, se tornando assassino de um ex-amante da mulata. Rita está bem distante da imagem de qualquer heroína convencional da literatura brasileira, tanto em relação a sua cor de pele quanto pela sua forma real de encarar a vida que difere dos contos de fadas vividos por muitas outras personagens.

Rita Baiana é uma mulher considerada prendada, alegre, corajosa, possui habilidades domésticas e gosta das artes. A valorização da sua sensualidade lhe dá certo poder e a eleva da condição de inferioridade. Rita é descrita fisicamente através do uso de muitos adjetivos e as sensações que esse físico desperta são apresentadas com o uso da sinestesia

Não vinha em traje de domingo; trazia casaquinho branco, uma saia que lhe deixava ver o pé sem meia num chinelo de polimento com enfeites de marroquim de diversas cores. No seu farto cabelo, crespo e reluzente, puxado sobre a nuca, havia um molho de manjerição e um pedaço de baunilha espetado por um gancho. E toda ela respirava o asseio das brasileiras e um odor sensual de trevos e plantas aromáticas. Irrequieta, saracoteando o atrevido e rijo quadril baiano, respondia para a direita e para a esquerda, pondo à mostra um fio de dentes claros e brilhantes que enriqueciam a sua fisionomia com um realce fascinador. (AZEVEDO, 1997, p. 27)

A atitude corajosa de Rita ao desafiar os valores da sociedade lhe custou muitos olhares e discursos de reprovação. A partir dela houve a quebra da conduta feminina da época que era considerada padrão.

Ainda em *O Cortiço*, há outra imagem marcante de mulher afrodescendente, que sofre preconceitos de cor e de gênero. Essa mulher é Bertoleza que aparece na trama como uma pessoa submissa, a negra abnegada, máquina de trabalhar:

Bertoleza representava agora ao lado de João Romão o papel tríplice de caixeiro, de criada e de amante. Mourejava a valer, mas de cara alegre; às quatro da madrugada estava já na faina de todos os dias, aviando o café para os fregueses e depois preparando o almoço para os

trabalhadores de uma pedreira que havia para além de um grande capinzal aos fundos da venda. Varria a casa, cozinhava, vendia ao balcão na taverna, quando o amigo andava ocupado lá por fora; fazia a sua quitanda durante o dia no intervalo de outros serviços, e à noite passava-se para a porta da venda, e, defronte de um fogareiro de barro, fritava fígado e frigia sardinhas, que Romão ia pela manhã, em mangas de camisa, de tamancos e sem meias, comprar à praia do Peixe. E o demônio da mulher ainda encontrava tempo para lavar e consertar, além da sua, a roupa do seu homem, que esta, valha a verdade, não era tanta e nunca passava em todo o mês de alguns pares de calças de zuarte e outras tantas camisas de riscado. (AZEVEDO, 1997, p. 2)

Dedica toda sua vida à João Romão – homem de quem é amásia – e no fim do romance é descartada por ele, que ascende socialmente e prefere se casar com uma moça branca.

Percebe-se claramente que Bertoleza figura como a afrodescendente menos desejável e aceitável socialmente. Ao contrário da mulata, a negra/preta não apresenta características de sensualidade e lubricidade sendo pintada como um ser abjeto que só serve para o trabalho e para, na falta de opção, suprir as necessidades sexuais dos homens.

A mulher negra correspondia, na época em que *O Cortiço* foi escrito, a exploração da mão de obra numa sociedade patriarcal, sexista e racista. O final trágico de Bertoleza (suicídio) contrasta com o final feliz das moças brancas e casadoiras. Dessa forma, o que se vê no romance naturalista de Aluísio Azevedo são mulheres estigmatizadas, vítimas de toda tipo de preconceito, vistas através da lente da não-idealização.

Gabriela, a mulata de Jorge Amado é tida como umas das melhores “mestiças literárias” das nossas letras. Isso porque à época em que foi criada os estereótipos raciais haviam sido reformulados.

Nesse sentido, a mestiça continua sendo vista pela ótica da sensualidade à flor da pele, mas isso coloca-se no plano positivo ao lado de outras qualidades como o labor, o caráter e a “prestatividade” desinteressada. E ainda, numa extrapolação do simples estereótipo, a mestiça, como tipo ideal, passa a ser valorizada como modelo de mulher brasileira (PATRÍCIO, 1999)

Assim, Gabriela além de ser a mulata faceira que encanta e é objeto de desejo de todos os homens da cidade de Ilhéus, acaba se tornando também o símbolo da mulher do povo.

Gabriela surge no romance como uma retirante que abandona a seca do sertão e vai para Ilhéus, a terra próspera do cacau, em busca de uma vida melhor. Ao chegar em Ilhéus é recrutada por Nacib, um árabe dono de um bar, para ser cozinheira. Os atributos da mulata Gabriela na cozinha são destacados o tempo todo pelo narrador. A protagonista do romance prepara pratos de sabor inigualável, iguarias típicas da culinária popular, o que reforça o intuito de Jorge Amado em inserir no romance a valorização da culinária nordestina como símbolo da identidade nacional. Gabriela por dominar a cozinha regional já assume um traço que a caracteriza como modelo ideal de mulher brasileira.

Em pouco tempo Gabriela passa a ser não só empregada do árabe, mas também amante. Assim, a personagem se revela como uma mulher completa, perfeita, visto que é boa na cama e na cozinha. Cozinhar e amar se tornam, assim, duas atividades complementares e sinônimas, que são exploradas em toda sua complexidade e ambiguidade na ficção de Jorge Amado.

Outros atributos ressaltados em Gabriela são a disposição para o trabalho, o senso de economia e a bondade, atributos estes que contrariavam a mentalidade até então vigente, que considerava os mulatos preguiçosos, insolentes e perversos. Assim, o comportamento de Gabriela a afasta dos estereótipos raciais até então predominantes e a coloca como o símbolo da mulher do povo, incapaz de desagradar a outrem.

Gabriela só não era mais perfeita porque, graças a seu comportamento sexual instintivo ela não conseguia ser fiel a nenhum homem. Era uma mulher que aspirava liberdade e não se prendia aos padrões morais da época. O comportamento de Gabriela, dessa forma, está estritamente ligado ao estereótipo que aprisiona a mulher mestiça ao conceito de promiscuidade, de voluptuosidade. Destarte, a mulata de Jorge Amado, vai aparecer como um personagem transgressor, que não se enquadra nos padrões da moral e dos bons costumes. Avessa aos comportamentos institucionalizados, como o casamento, Gabriela rompe com o modelo social imposto em sua ânsia por liberdade. A inadaptação da protagonista da história à cultura da elite se liga, mais uma vez, ao projeto de Jorge Amado de fazer de Gabriela uma mulher do povo, uma representação da alma popular.

Entretanto, apesar de se tornar uma representação do popular, Gabriela Cravo e Canela não deixa de ser apresentada – com insistência – por Jorge Amado, através de seus atributos físicos “corpo esguio, rosto sorridente, mordendo uma goiaba as pernas, o balanço de corpo no andar, o pedaço de coxa cor de canela” (HANCIAU, 2007, p.7)

O próprio título do romance de Jorge Amado deixa claro que há um apelo de sentido erótico sugerido pelas especiarias – cravo e canela. O cravo remete ao cheiro, ao perfume, ao passo que, a canela evidencia a cor bronzeada da personagem. A imagem de Gabriela fica então ligada à sensualidade “um apelo poderoso ao apetite erótico, associado à idéia de sensualidade e poder, condição dos conquistadores ansiosos por satisfazer seus desejos no exotismo de outras terras, outros aromas, outras mulheres...” (HANCIAU, 2007, p.7).

Dessa forma, fica claro que a personagem de Jorge Amado é constituída pelos elementos que caracterizam o estereótipo da mestiça brasileira. Entretanto, Gabriela incorpora traços de positividade ao seu comportamento, como a bondade, a solidariedade, o domínio da culinária e da dança, o que a torna um símbolo da identidade nacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No Brasil a escravidão criou uma imagem deturpada de que entre as raças há uma hierarquia onde os brancos dão ordens e os negros devem obedecer. Os negros e os mestiços foram relegados a situações bastante adversas, situações das quais não conseguiram sair vencedores. Muitos estigmas foram criados sobre os negros para inferiorizá-los tentando justificar o sistema de dominação colonial. Enquanto o negro se adjectiva como o preguiçoso, selvagem e incapaz, o branco é o homem inteligente, belo e desenvolvido.

Na literatura do século XIX e XX podemos perceber traços marcantes dessa idéia que foi fortemente disseminada no Brasil. Tratando-se então de mulheres o processo de estigmatização torna-se ainda maior, pois além de escrava pelo trabalho a negra tem o seu corpo utilizado como objeto para servir ao seu Senhor. À mestiça poucas vezes foi assegurado o lugar de principal personagem nos romances da época, com exceção de Isaura e Gabriela. A mulher mestiça constitui, entretanto, um elemento incômodo na trama literária, e é caracterizada na maioria das vezes a partir de seus defeitos.

Encontramos nas obras literárias personagens negras onde esse modelo de hierarquização é plenamente reproduzido. E entre as duas raças citadas encontram-se as mulatas que possuem mais vantagens que as negras e não podem ao menos serem comparadas as brancas que são isentas das malícias que a mulata possui.

Os escritores brasileiros foram condicionados a escrever para determinados públicos e a contar com a aprovação dos grupos dirigentes. Isso, dentre outros fatores já citados, acarretou na vinculação do mestiço a um paradigma em que a sexualidade representa a raça. A nossa literatura, durante muito tempo, caracterizou-se por não afrontar nem opor resistência aos padrões vigentes. Na contemporaneidade, porém, é possível perceber o engajamento de alguns autores em substituir o apelo carnal que ficou marcado nas mestiças por outros atributos que estas possuam. Está sendo feito um esforço para que a figura da mulata passe a ser centro da trama e deixe de ser tratada de forma depreciativa.

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. **Gabriela Cravo e Canela: Crônica de uma Cidade do Interior**. 60ª Ed. Rio, São Paulo: Record, 1981

ASSIS, Eduardo. Mulheres Marcadas: Literatura, Gênero, Etnicidade. **Terra Roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários**. Volume 17-A (dez.2009) – ISSN 1678-2054

AZEVEDO, Aluísio. **O Cortiço**. 30ª ed. São Paulo: Ática, 1997

CORRÊA, Mariza. Sobre a Invenção da Mulata. In: **Cadernos Pagu (6-7)**, Campinas, Ed. --- 1996.

GUIMARÃES, Bernardo. **A Escrava Isaura : Texto Integral**. 21ª Ed. São Paulo: Ática, 1995

HANCIAU, Núbia. A Representação da Mulata na Literatura Brasileira: Estereótipo e Preconceito. **Cadernos Literários**, Rio Grande: Editora da FURG, Vol. 7, 2002.

PATRICIO, Rosana Ribeiro. **Imagens de Mulher em Gabriela de Jorge Amado**. Fundação Casa de Jorge Amado, Bahia, 1999

QUEIROZ, Teófilo de. **Preconceito de cor e a mulata na literatura brasileira**. São Paulo: Ática, 1982.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da literatura brasileira**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.